

**Princípio de circularidade na educação não formal de e na autoformação mulheres**

*Circularity principle in non-formal education and women's self-training*

Florence Dravet

Clarissa Motter

**Universidade Católica de Brasília - UCB**

Brasília-Brasil

Alan Santos Oliveira

**Universidade de Brasília - UNB**

Brasília-Brasil

**Resumo**

O artigo apresenta resultados de pesquisa-ação realizada na região periférica de Samambaia-DF com mulheres empreendedoras. O objetivo é mostrar a eficiência da metodologia circular aberta na educação não formal e na autoformação de mulheres. A pesquisa consistiu na criação de um coletivo a fim de desenvolver competências empreendedoras, bem como autosegurança, autoaceitação e autoconhecimento, tendo em vista o fortalecimento de potências femininas. A circularidade aberta articulada ao método cartográfico serviram como princípios metodológicos. Os resultados permitiram aferir o grau de eficácia do princípio da circularidade aberta na formação das mulheres em contexto não formal e suas dimensões de autoformação. Foi possível identificar quatro vertentes principais que direcionam para um processo de formação e autoformação feminina: 1) o coletivo como espaço de troca de conhecimentos; 2) como rede de apoio entre mulheres; 3) como propulsor do empoderamento feminino; 4) como construtor do sentido de sororidade.

**Palavras-chave:** Coletivo; Educação não formal; Circularidade.

**Abstract**

This paper presents the results of an action-research carried out in the peripheric region of Samambaia-DF with entrepreneurs women. The objective is to show the efficiency of the open circular methodology in non-formal education and women's self-training. The research consisted of the creation of a collective in order to develop entrepreneurial skills, as well as self-security, self-acceptance and self-knowledge, with a view to strengthening women's potential. The open circularity, linked to the cartographic method, served as the basic methodological principle. The results achieved made it possible to assess the degree of effectiveness of the open circularity principle in the training of women in a non-formal context and their self-training dimensions. It was possible to identify four main aspects that lead to a female training and self-training process: 1) the collective as a space for the exchange of knowledge; 2) as a support network among women; 3) as a driver of female empowerment; 4) as a constructor of the sense of sorority.

**Keywords:** Collective; Non-formal education; Circularity.

## **Introdução**

Este artigo objetiva mostrar a importância dos coletivos como lugares de educação não formal e de autoformação. Apresentaremos a noção de circularidade aberta como base da metodologia de formação empregada no coletivo de mulheres empreendedoras da região administrativa de Samambaia/DF.

No contexto de crise do modelo político atual, em que os jovens e adultos pouco acreditam na antiga estrutura partidária, nas agremiações políticas e nos antigos formatos das organizações não-governamentais para apoiar suas reivindicações e ideais políticos, os coletivos têm surgido como uma alternativa organizacional que abriga novas formas de ativismos. Os coletivos buscam ter maior autonomia, adotar estruturas horizontais mais democráticas, uma maior flexibilidade e até efemeridade de seus modelos e de sua razão de ser (GONÇALVES, 2017).

Além de espaços de ativismo político, os coletivos também constituem espaços suscetíveis de promoverem a formação de pessoas a valores coletivos e habilidades individuais nas respectivas áreas de sua atuação, seja ela artística, comunicacional, ou empreendedora de uma forma geral. São considerados aqui, portanto, como espaços não formais de educação (GOHN, 2006), mas também permitem que seja incentivada a autoformação, uma vez que sua flexibilidade e seu caráter rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 1995), como veremos, exigem que os indivíduos assumam novos papéis.

A pesquisa em questão aconteceu no período entre novembro de 2018 e julho de 2020, quando o grupo de pesquisa Travessia - Transdisciplinaridade e Criatividade (CNPq/DGP), junto com o Imaginário Cultural, organização sem fins lucrativos atuante no setor cultural em Samambaia/DF, decidiram lançar uma chamada às mulheres empreendedoras da cidade. Tratava-se de uma primeira roda de conversa para a estruturação de um coletivo que pudesse dar sustentação e congregar os interesses empreendedores individuais dessas mulheres, ao mesmo tempo em que poderia sustentar interesses coletivos de fortalecimento mútuo. Tratou-se de uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 1985; ELLIOTT, 1990) com intervenção na comunidade e com uma prática de cartografia (KASTRUP, 2012) que esclareceremos mais adiante.

Para o desenvolvimento deste artigo, apresentaremos primeiro os fundamentos da noção de coletivo cultural e seus modos de atuação na formação de pessoas, em contexto não formal, assim como seu potencial para a autoformação. Em um segundo momento,

trataremos especificamente da criação do Coletivo Sempre Viva, objeto desta pesquisa e de seu modo de funcionamento assim como do perfil das mulheres nele envolvidas. Por fim, mostraremos como a metodologia da circularidade empregada com diversas técnicas ao longo de um ano e oito meses, permitiu que o grupo obtivesse resultados tais como: autoconhecimento, autosegurança e autoaceitação das mulheres, mas também envolvimento em ações de formação como oficinas ministradas pelas próprias mulheres dentro do grupo a partir de seus conhecimentos. Trataremos mais detalhadamente desses resultados e concluiremos sobre o modelo circular de formação e autoformação.

### **Coletivo, educação não formal e autoformação**

Os coletivos tiveram sua origem nos anos de 1970, quando vários grupos de artistas ativistas engajados em causas políticas minoritárias e apartidárias se organizaram para defender suas ideias e desenvolver atividades de militância em favor de diversas causas, entre as quais a luta pela paz no mundo, a liberdade sexual, os direitos cidadãos à expressão e vivência homossexual.

Ao final do século XX, houve uma retomada da organização em coletivos e uma multiplicação destes que chamou a atenção da mídia. No Brasil, os coletivos também se multiplicaram e no início da década de 2000, uma matéria da Folha Ilustrada<sup>1</sup> anunciou a “explosão do a(r)tivismo”, forma de diversos grupos de artistas chamarem atenção para suas ideias convocando o público urbano a discussões e embates em espaços públicos da cidade.

Aos poucos, a organização de coletivos foi estendendo seus domínios de atuação, extrapolando a esfera artística e ganhando novos contornos como os coletivos de militantes de causas LGBT, os coletivos culturais (em favor, por exemplo, da edição independente), os coletivos de jornalistas em favor de um jornalismo livre dos controles institucionais da grande mídia, e tantos outros. De acordo com Gonçalves (2017, p.4):

O termo atualmente está ligado a uma forma de associação de jovens urbanos, de variadas classes sociais, caracterizados pela hierarquia não rígida, uma certa efemeridade e uma ampla diversidade de ações. Os coletivos atuantes na cidade dedicam-se a uma infinidade de práticas. [...] Em comum, eles têm a utilização de ferramentas ligadas às artes e à comunicação e a vontade de mudar a realidade na qual estão inseridos.

Embora, como veremos, a característica de um público jovem não seja necessariamente a do coletivo de que trataremos aqui, é fato que os membros de um

*Princípio de circularidade na educação não formal e na autoformação de mulheres* coletivo, em sua maioria, têm em comum uma certa instabilidade empregatícia ou de fonte de renda e uma vontade de mudar a realidade social na qual estão inseridos. Para tanto, pessoas se agregam e se desagregam em torno de um objetivo comum e trabalham conjuntamente, desenvolvendo ações que possam transformar a sua realidade. Para Migliorin (2012, p. 5):

O coletivo, assim, é uma formação não de certo número de pessoas com ideais comuns, mas de um bloco de interesses, afetos, diálogos, experiências aos quais certo número de pessoas adere, reafirmando e transformando esse mesmo bloco. Um coletivo não faz unidade, mas é formado por irradiação dessa intensidade, um condensador, agregador de sujeitos e ideias, em constantes aproximações, distanciamentos, adesões e desgarramentos.

Em uma outra perspectiva, os coletivos também se constituem em espaços de educação não formal, entendida a partir dos seguintes atributos:

Ela não é organizada por séries/ idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não-formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da autoestima e do *empowerment* do grupo, criando o que alguns analistas denominam, o capital social de um grupo. Fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo (GOHN, 2006, p. 30).

Lembrando que a educação não formal conforme apresentada acima se distingue tanto da educação formal quanto da informal. A primeira - formal - acontece na escola e a segunda - informal - ocorre de modo espontâneo e não intencional em ambientes de convívio social fora das instituições de ensino. Os coletivos podem ser entendidos como espaços de educação não formal já que, embora não tenham como objetivo primeiro a educação dos seus membros, findam por desenvolver intencionalmente ações voltadas para a formação a fim de criar: 1) uma consciência coletiva, 2) sentimentos de pertença, 3) valorização de si próprio, 4) fortalecimento de valores pessoais e coletivos, 5) leitura e interpretação do mundo sobretudo no que diz respeito aos valores ligados a suas áreas de atuação.

Nesse processo, ações como rodas de conversa, bate-papos, debates, discussões coletivas, manifestações públicas, partilha de experiências, narrativas de vida, relatos de experiências, criações de espaços comunicacionais, testemunhos, etc. são maneiras de construir um conhecimento coletivo e de formar indivíduos a realidades partilhadas e a seu enfrentamento. Frequentemente, os coletivos também recorrem a modelos mais clássicos de formação como a organização de workshops, palestras, oficinas, entre outras atividades, por e para os membros do grupo.

Podemos afirmar que se somam às características de educação não formal atributos de um outro tipo de educação que chamaremos aqui de autoformação (DURAN, 2009) e tem uma importância talvez tão grande quanto o primeiro tipo. De fato, os participantes de um coletivo, muitas vezes, necessitam ser autores de sua própria formação no sentido de serem protagonistas da construção de seu próprio conhecimento, buscando suas fontes, construindo seus repertórios, criando sua própria segurança.

Atribuir à pessoa um papel central no processo formativo é, então, considerar uma formação de si próprio por si próprio. Ou seja, trata-se de considerar processos que exigem do sujeito a apropriação do poder de se formar, para tornar-se o “autor da produção de si” (DURAN, 2009, p. 31).

Isso porque os coletivos são formas de organização abertas, mutáveis e dinâmicas, onde os papéis são intercambiáveis, onde a liderança pode ser assumida por uma ou outra pessoa de acordo com a conveniência e a oportunidade, onde cada um pode vir a ocupar um papel central ou periférico a depender da situação. Sendo assim, as pessoas que transitam por um coletivo são convidadas a transgredir suas funções, transformar suas perspectivas e reelaborá-las. Nesse sentido, os coletivos também obedecem a lógicas rizomáticas que seguem, na concepção de Deleuze e Guattari: “Princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (1995, p. 4). E mais adiante: “Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas” (DELEUZE; GUATTARI, p. 6).

No caso das mulheres do Coletivo Sempre Viva, veremos agora como as atividades de educação não formal se desenvolveram em um ambiente de trocas circulares, abertas e dinâmicas. E como os desafios da ação coletiva conduziram as mulheres a um processo de autoformação.

### **Samambaia/DF e as mulheres empreendedoras**

É notável, no Brasil, a participação feminina no âmbito do empreendedorismo. De acordo com dados do Relatório Especial do Sebrae (2019), o número de mulheres empreendedoras no país ultrapassa os 30 milhões. O documento ressalta também que, entre 2001 e 2011, o número de empreendedoras cresceu 21% no país e que, em 2018, o Brasil teve a 7ª maior proporção de mulheres entre empreendedores iniciais<sup>ii</sup> (comparado a outros 48 países).

*Princípio de circularidade na educação não formal e na autoformação de mulheres*

Se, por um lado, esses dados evidenciam um aumento gradativo do protagonismo feminino no mundo do trabalho, quando analisados com maior profundidade ressaltam, por outro, desigualdades que reforçam assimetrias de gênero. Assim, ainda segundo o Relatório Especial do Sebrae (2019), a conversão de empreendedoras iniciais em empresárias (aquelas que estão à frente de um negócio como empregadoras) é 40% mais baixa quando comparada à dos homens. Além disso, as mulheres seguem à frente no que se refere à proporção de negócios por necessidade (relacionados a uma segunda fonte de renda ou para adquirir independência financeira): 44% das empreendedoras tomam iniciativas por necessidade, contra 32% dos homens.

Diante desse quadro, pode-se inferir que, além de terem suas forças de trabalho subvalorizadas no mercado formal, o que as faz buscar uma segunda fonte de recursos financeiros, as mulheres ainda encontram o obstáculo de ter de conciliar família e trabalho para que consigam dar sequência aos seus empreendimentos, o que justifica o alto índice de desistência feminina apontado na pesquisa.

Essa situação é reflexo de uma cultura patriarcal que se mantém de forma estrutural na contemporaneidade, e que associa de forma naturalizada o trabalho feminino ao cuidado com a casa e com os filhos, inexistindo políticas conciliatórias entre trabalho doméstico não-remunerado e trabalho fora de casa. Resta às mulheres, sobretudo às periféricas, cujas identidades de gênero sofrem atravessamentos de classe e raça, lidar com a subvalorização de seus trabalhos no mercado formal, trabalhando em tempo parcial ou regime temporário, o que aumenta a discriminação salarial. Por outro lado, quando decidem empreender, para complementar suas rendas insuficientes ou ganhar autonomia financeira, deparam-se com as mesmas dificuldades: conciliar as funções domésticas com o investimento em seus negócios.

A questão se aprofunda e se complexifica quando, a essa realidade, aliam-se consequências sobre os processos de subjetivação feminina, ou seja, sobre a expressão e construção livre e autônoma da mulher como sujeito. Assim, Saffioti (2002) ressalta que é a base patriarcal que atravessa as relações de trabalho a responsável por reforçar nas mulheres um “sentimento de impotência” que tem sua origem em formas históricas de dominação e exploração do masculino sobre o feminino. Em um sentido mais amplo, é sobretudo nos ambientes formais de socialização, seja no âmbito do trabalho, da educação, das religiões e outras formas institucionalizadas de organização social, que o “sentimento

de impotência” vivido cotidianamente pelas mulheres é produzido e retroalimentado. Os obstáculos e entraves externos à afirmação do feminino ali se constroem de forma sistematizada, clara e fortemente estruturada, limitando a possibilidade de fissuras ou brechas que caminhem para o fortalecimento da autoestima e da autonomia femininas.

Foi, portanto, ao levar em conta as dificuldades e obstáculos presentes nas vivências de mulheres empreendedoras, assim como seus “sentimentos de impotência” nos ambientes formais e informais de socialização, que o grupo de pesquisa Travessia - Transdisciplinaridade e Criatividade (CNPq/DGP) e a organização sem fins lucrativos Imaginário Cultural começaram a delinear, em novembro de 2018, o Projeto Sempre Viva. O intuito da proposta foi o de abrir espaço para formas de organização coletiva que priorizassem a expressão das potencialidades femininas e valorizassem seus fazeres e saberes.

O lançamento do projeto para a comunidade feminina de Samambaia-DF aconteceu em novembro de 2018 no espaço Imaginário Cultural e contou com 35 mulheres empreendedoras (dentre gestoras culturais, atrizes, maquiadoras, artesãs, escritoras e produtoras audiovisuais). Após o lançamento, formou-se, então, o coletivo Sempre Viva: um espaço aberto e dinâmico de formação e autoformação para o empreendedorismo feminino.

A escolha de Samambaia-DF para a realização do projeto se deu pelo fato de se tratar de uma região cujo crescimento é incessante. A cidade é dotada de um Complexo Cultural e possui um ambiente de trocas interculturais intensas e, conseqüentemente, é rica em potencial criativo, comunicativo e empreendedor. Além disso, e do ponto de vista histórico, a região se constituiu de forma a estimular a iniciativa e autonomia de grande parte de sua população. Tendo se desenvolvido de forma desigual, Samambaia era constituída inicialmente por um setor de mansões (que mais tarde renunciaria à região, se anexando à Taguatinga), pelo setor SHIS (sigla para a antiga Secretaria de Habitação e Interesse Social) - que se concentrava em distribuição de casas já construídas - e pela grande área periférica, com ampla população carente dos serviços básicos, e para a qual foi oferecido apenas o terreno delimitado para que cada morador/a construísse conforme suas possibilidades, gerando uma série de barracos de madeiras que foram evoluindo ao longo dos anos. Assim, historicamente desprestigiada no que se refere à gestão pública, bem como as demais

*Princípio de circularidade na educação não formal e na autoformação de mulheres* regiões periféricas do DF, Samambaia desenvolveu-se, sobretudo, a partir do espírito empreendedor de mulheres e homens da região.

Já no que se refere à prática de pesquisa, o projeto consistiu na realização de uma pesquisa-ação que se caracteriza pelo seu caráter intervencionista e por permitir a interação entre pesquisadores e sujeitos relacionados à realidade social a ser pesquisada, de forma que a produção de conhecimento e de ações necessárias aconteçam de forma conjunta (THIOLLENT, 1985). Ao nos guiarmos por essa prática, o objetivo foi de preservar as mulheres da condição de objetos de pesquisa e ao mesmo tempo estimular a articulação não hierárquica entre conhecimentos comunitários e conhecimentos acadêmicos na proposição de ações capazes de gerar mudanças na realidade investigada.

Complementando essa perspectiva, utilizamos o método cartográfico (KASTRUP, 2012) como aporte metodológico, o que permitiu um acompanhamento aberto e sensível dos movimentos, intensidades e afetos que surgiam no ato de pesquisar, responsáveis por atualizar os objetivos inicialmente propostos na pesquisa e (re)conduzir o processo de intervenção e ação social.

A proposta do coletivo Sempreviva consiste, portanto, em uma construção rizomática do conhecimento (aberta, flexível, multiconectável) (DELEUZE; GUATTARI, 1995), estimulando o fluxo heterogêneo entre distintos saberes e abrindo espaço para o diferente e para o imprevisto. Nesse sentido, a produção de conhecimento abarca a autonomia individual, mas transborda no movimento coletivo. Evidencia um olhar transversal que circula entre o eu e o outro, entre o singular e o múltiplo, um olhar em *devir*<sup>iii</sup> no qual a busca por categorizações dá lugar à observação e afirmação de um movimento que se dá em uma zona de copresença, ou seja, nos encontros e relações entre diferentes corpos e vivências (DELEUZE; GUATTARI, 1993).

Assim, e adentrando as questões de gênero, longe de buscar um enquadramento do feminino nos modelos tradicionais (e masculinos) de empreendedorismo, comumente relacionados à competitividade e à exploração de forças de trabalho, o coletivo propõe ultrapassar a lógica cartesiana e suas classificações identitárias que reforçam as exclusões. Qualidades como a cooperação, o acolhimento e a generosidade, culturalmente atribuídas ao feminino e excluídas dos modelos tradicionais de empreendedorismo, são vistas pelo coletivo como potências de transformação. Potências, pois não se fixam em estruturas de poder pré-determinadas, pois circulam às margens, em um “entrelugar” afirmativo. Nesse



sentido, a subjetivação feminina ou, como visto, a afirmação de si como sujeito feminino, é processo que se dá de forma fluida, na relação entre o “dentro” e o “fora”, nos encontros abertos, dinâmicos, flexíveis. Procura-se, assim, afastar-se de um modelo institucionalizado, fechado e identitário de circulação e produção de conhecimento que, ao contrário: “[...] só mantém e alimenta o sistema de captura, só mantém e alimenta um sujeito capturado, rebatido sobre si mesmo e enfraquecido. Sujeito bloqueado para o uso da transversalidade das matérias de expressão [...]” (ROLNIK, 1989, p.198).

É na esteira desse pensamento complexo e dinâmico que, de forma mais pontual, o Coletivo Sempre Viva atua no fortalecimento da autoestima, do autoconhecimento e da autonomia socioeconômica das mulheres empreendedoras da região administrativa de Samambaia-DF, promovendo atividades que visam, de forma geral a: 1) Conscientizar sobre as construções culturais de gênero e de poder no âmbito privado e do trabalho, responsáveis por relegar ao feminino uma posição de submissão, desvalorização e dependência em relação ao masculino; 2) Incentivar a autonomia econômica das mulheres periféricas de Samambaia, fazendo circular seus saberes e fazeres dentro da perspectiva da economia criativa e solidária; 3) Valorizar e estimular a criação e expressão de formas inovadoras e femininas de empreender, através da construção de uma rede de apoio entre mulheres; 4) Promover diálogos entre experiências femininas empreendedoras locais, regionais e internacionais; 5) Constituir um espaço de estímulo para que mulheres em situação de risco ou que tenham dificuldade em se colocar no mercado de trabalho formal, desenvolvam alternativas de atividades econômicas.

Todas as atividades realizadas pelo coletivo Sempre Viva, que serão detalhadas nos resultados, seguem o escopo aqui apresentado e se orientam pela noção de circularidade aberta, conforme veremos a seguir.

### **Metodologia baseada na noção de circularidade aberta**

As amplitudes da circularidade são encontradas nas tradições populares e tradicionais, a exemplo de imaginários indígenas e negro-africanas. Mas também são pensadas no chão de teóricos dos conhecimentos ocidentais e latinos. Paulo Freire, por meio da pedagogia libertadora que criou, instituindo que não somente as escolas ou salas de aula seriam espaços para o aprendizado, idealizou a prática dos chamados “Círculos de Cultura”. Weffort (1967) observando a pedagogia libertadora na obra de Paulo Freire afirma

*Princípio de circularidade na educação não formal e na autoformação de mulheres*  
que o círculo de cultura se inicia como prática da liberdade e do exercício da crítica dos seres humanos.

Esta prática fora dos espaços escolares é fortalecida pelo encontro de atores não hierarquizados pelo sistema vigente, e embora tenha sido desenvolvida como experiência na década de 1960 na cidade do Recife em Pernambuco, é uma prática que se assemelha a tantas outras praticadas em rodas de diálogos, como observamos anteriormente, nas culturas populares tradicionais e têm sido utilizados em processos criativos atuais. Freire, ao pensar o círculo de cultura nos orienta que:

De acordo com as teses centrais que vimos desenvolvendo, pareceu-nos fundamental fazermos algumas superações, na experiência que iniciávamos. Assim, em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado (FREIRE, 1967, p. 102-103).

O Círculo de Cultura de Paulo Freire propõe uma educação não-formal, pois trabalha com os atores em diversas comunidades e suas próprias experiências de vida no aprendizado e embora tenha sido construída nos processos de alfabetização é um caminho (ou método) que pode ser abarcado em muitas construções culturais e criativas, que percebam o diálogo como ferramenta, a exemplo do que se desenvolve no Coletivo Sempre Viva.

Os processos de criação e recriação são exemplos eficazes da proposta de Freire e quem projeta e dá cabo destes procedimentos são os próprios atores envolvidos no aprendizado que perpassa seu mundo.

Como um ser criador e recriador que, através do trabalho, vai alterando a realidade. Com perguntas simples, tais como: quem fez o poço? por que o fez? como o fez? quando? que se repetem com relação aos demais “elementos” da situação, emergem dois conceitos básicos: o de necessidade e o de trabalho e a cultura se explicita num primeiro nível, o de subsistência (FREIRE, 1967, p. 124).

Observamos que os laços culturais, locais e as percepções de mundo surgem no contexto do aprendizado, envolvendo a interação entre trabalho e as necessidades vitais que edificam a cultura dos atores. Criação e Recriação, são processos circulares que se destacam nas rodas de diálogos que semeiam o aprendizado.

À noção de circularidade das rodas de diálogo e círculos de cultura, acrescentamos a de abertura, tendo em vista a necessidade de possibilitar e favorecer a comunicação do círculo com o ambiente e com outras variáveis externas ao círculo que possam, eventualmente, modificá-lo. Morin (2007) entende a própria cultura a partir da noção de circulação de imagens, símbolos, ideologias, mitos, referentes tanto à vida prática quanto à vida imaginária. Mas em sua concepção, tal circularidade não pode encerrar os membros do círculo em si. É necessário que haja abertura. A noção de circularidade aberta provém da biologia (MORIN, 2003). Chama-se “circulação aberta” ao sistema quando o líquido bombeado pelo coração periodicamente abandona os vasos e cai em lacunas corporais. Nessas cavidades, as trocas de substâncias entre o líquido e as células são lentas. Vagarosamente, o líquido retorna para o coração, que novamente o bombeia para os tecidos. Esse sistema é encontrado entre os artrópodes e na maioria dos moluscos. A lentidão de transporte de materiais é fator limitante ao tamanho dos animais. Além disso, por se tratar de um sistema aberto, a pressão não é grande, suficiente apenas para o sangue alcançar pequenas distâncias. A abertura não é necessariamente facilitadora. Em realidade, ela complexifica o sistema e torna os seus processos mais lentos. Porém, sendo bem administrada, permite o enriquecimento do todo.

Concretamente, a abertura do círculo no contexto do Coletivo Sempre Viva consiste na administração de perdas e ganhos. Por um lado, permite a interferência de elementos externos previstos ou não previstos (decisões da administração da Região Administrativa, propostas de comerciantes locais e outras entidades interessadas, contingências temporais e geográficas, etc). Nesse caso, trata-se de uma abertura ao diálogo que favorece a transformação do próprio círculo. Por outro lado, entrega o grupo e seus membros ao risco de serem-se desafiados por suas próprias lacunas: no processo de autoformação, tais lacunas podem ser reaproveitadas quando houver diálogo, troca, conversa e quando os membros do grupo percebem que não estão sozinhos ou não são os únicos a passarem por tais experiências. Mencionemos também as entradas e saídas de membros do coletivo que também garantem a dinamicidade ao mesmo tempo em que preservam a existência do grupo e viabilizam suas ações e sua atuação na comunidade com a qual interage.

Sintetizando, em termos metodológicos, a dinâmica do Coletivo Sempre Viva segue os seguintes princípios: 1) Formação e transformação do círculo de membros do Coletivo; 2)

*Princípio de circularidade na educação não formal e na autoformação de mulheres*  
Rodas de conversas frequentes e outros espaços de diálogo; 3) Rotatividade dos papéis; 4) Diálogos sobre a própria circularidade da dinâmica; 5) Comunicação com outros círculos; 6) Consciência de pertencimento a outros círculos transcendentais e imanentes.

### **Resultados**

Com o objetivo de mapear resultados que permitam aferir o grau de eficácia da metodologia baseada na noção de circularidade aberta na formação e autoformação de mulheres empreendedoras de Samambaia-DF, voltamos a tratar de forma mais específica da dinâmica que orienta as atividades realizadas pelo Coletivo Sempre Viva.

Nesse sentido, ressaltamos que o método cartográfico e suas formas de funcionamento da atenção (KASTRUP, 2012), que se articularam à noção de círculo aberto na formação do coletivo, tiveram e tem papel importante no engajamento e na autonomia participativa das mulheres integrantes. O método permite que se adote uma postura de acolhimento do inesperado que Kastrup (2012) denomina de “concentração sem focalização” e que consiste em uma forma de atenção que evita dois extremos: o relaxamento passivo (dispersão) e a rigidez controlada (fechamento).

As experiências vão então ocorrendo, muitas vezes fragmentadas e sem sentido imediato. Pontas de presente, movimentos emergentes, signos que indicam que algo acontece, que há uma processualidade em curso. Algumas concorrem para modular o próprio problema, tornando-o mais concreto e bem colocado. Assim, surge um encaminhamento de solução ou uma resposta ao problema (KASTRUP, 2007, p. 18).

Assim, considerando os objetivos de pesquisa como móveis e flexíveis, buscamos, já no primeiro encontro realizado em Samambaia, acolher os movimentos e propostas das 35 mulheres presentes, o que permitiu que o caminho para a criação do coletivo fosse construído de forma fluida e dialógica. Detalhando o processo, trabalhamos durante toda a pesquisa com as quatro variedades de funcionamento atencional proposta por Kastrup (2012): 1) O rastreio, que promove uma varredura do campo no qual se atua, localizando pistas (falas, diálogos ou gestos), que podem contribuir com o propósito do coletivo; 2) O toque, ou um pequeno vislumbre que aciona o processo de seleção de elementos mais significativos para a condução dos trabalhos e criação de novas atividades; 3) O pouso, quando a percepção realiza uma parada, um “zoom” sobre um desses elementos e a partir daí uma nova ideia se forma; 4) O reconhecimento atento, responsável por reconduzir essas novas ideias ou descobertas ao propósito inicial, verificando sua adequação e viabilidade.

Por meio deste circuito, foi possível assegurar a materialização das propostas sem abrir mão da imprevisibilidade do processo.

Entendemos que o deixar-se conduzir pelo processo, de maneira sensível e intuitiva, sem fixar-se nos fins, é uma forma de abrir espaço para o movimento não hierárquico entre as mulheres, que, no coletivo, se alternam entre transmissoras e receptoras de saberes, conforme aquilo que é objeto de “toque” e de “pouso” no processo de “concentração sem focalização”. Além disso, o método utilizado permite um fortalecimento de potências femininas individuais, ao mesmo tempo em que reforça o sentimento de pertencimento ao grupo e permite a manutenção de um olhar para aquilo que está fora do círculo, ou que não está sob seu controle.

Na prática, esse acolhimento do sensível e do inesperado materializou-se em ações que acontecem de forma periódica<sup>iv</sup>, e que foram desenhadas e protagonizadas pelas mulheres do coletivo, em interação com integrantes do grupo de pesquisa Travessia - Transdisciplinaridade e criatividade, assim como no diálogo com outros círculos femininos. As atividades consistiram em:

- Rodas de conversa sobre o feminino (e seus atravessamentos de raça, idade e sexualidade), em um ambiente circular e não-hierárquico no qual diversas mulheres (pertencentes ou não ao coletivo) compartilharam experiências e se mobilizaram para desenvolver ações propositivas;
- Vivências em grupo para a criação de vínculos entre mulheres, tendo como fio condutor a arte, a livre expressão das emoções e das sensações corporais;
- Oficinas destinadas ao ensino e ao desenvolvimento de habilidades manuais e artísticas entre mulheres (oferecidas pelas mulheres do coletivo e por mulheres de outros círculos);
- Evento, com duração de um dia, realizado em março de 2020, compreendendo rodas de conversa, oficinas e vivências. O objetivo foi o de estimular o intercâmbio entre as mulheres empreendedoras de Samambaia e as demais comunidades periféricas do DF.
- Curso de gestão de mídias sociais para mulheres empreendedoras, oferecido em julho de 2020, de forma remota.

No que se refere à percepção das participantes sobre a dinâmica adotada, foi possível constatar, em consulta informal<sup>v</sup> às mulheres do Sempreviva, que todas as respondentes associaram o coletivo a um espaço de construção conjunta de conhecimentos e de

*Princípio de circularidade na educação não formal e na autoformação de mulheres*  
crescimento mútuo, sendo possível agrupar as respostas em quatro vertentes principais que direcionam para um processo de formação e autoformação feminina: 1) o coletivo como espaço de troca de conhecimentos; 2) como rede de apoio entre mulheres; 3) como propulsor do empoderamento feminino e 4) como construtor do sentido de sororidade.

Assim, quando questionadas sobre o significado do Sempreviva para elas e se suas experiências estão sendo positivas no coletivo, considerando o que podem oferecer e o que buscam receber neste espaço, as mulheres reforçaram em suas falas as experiências de compartilhamento de saberes, de troca de informações e de vivências relativas ao empreendedorismo feminino proporcionadas pelo coletivo. Dentre outras respostas que pontuam essa visão, M.B., artesã, coloca: *O Sempreviva é para mim um espaço de reflexão, de estudo, de socialização, de troca de saberes e de crescimento pessoal e profissional.*

Associado à essa visão, salienta-se também na perspectiva das integrantes o sentido de colaboração entre mulheres, de fortalecimento mútuo e de constituição de uma rede de apoio no processo de construção e afirmação de saberes femininos. Nesse sentido, I.R., estudante, reforça:

*[...] Pra mim, o coletivo é um ambiente de troca de conhecimentos - com o qual pretendo ajudar com meus conhecimentos sobre comunicação e ser ajudada com o meu mestrado. O coletivo é de extrema importância para o convívio social com mulheres empreendedoras.*

Entende-se que o destaque ao convívio social entre mulheres, dado pela estudante, relaciona-se à proposta sustentada pelo coletivo de valorizar a construção conjunta e não hierárquica do conhecimento, por meio da alternância de papéis entre as mulheres, que em alguns momentos se dispõem a oferecer seus saberes e em outros se colocam na posição de receptoras dos saberes de outras mulheres (pertencentes ou não ao círculo). Diferentemente dos processos que ocorrem nos ambientes formais de educação e socialização, aqui as mulheres são tomadas como sujeitos ativos, como produtoras e protagonistas de saberes que se formam e se sustentam no diálogo com a coletividade.

Complementando a reflexão, também se fazem fortemente presentes nas respostas das mulheres que participaram da consulta, as ideias de empoderamento feminino e de sororidade, sendo o coletivo identificado como uma rede que reforça o sentimento de empatia, estimula o protagonismo feminino no mundo do trabalho e oferece subsídios para a emancipação econômica, social e cultural das mulheres. Nessa perspectiva, M.B., artesã, diz:

*Entendo o Coletivo alinhado com uma vanguarda que valoriza e promove o empoderamento da mulher. Promove uma construção de saberes coletivamente, imprimindo um olhar humanizado, construindo algo novo, o empoderamento do feminino no campo do empreendedorismo.*

Na medida em que se ressalta essa contribuição do coletivo para o empoderamento feminino, enfatiza-se também nas respostas das integrantes o propósito de união entre mulheres. Assim, o fortalecimento feminino é tido aqui como resultado de um movimento coletivo apoiado na ideia de aliança e companheirismo entre mulheres, o que agrega à proposta uma dimensão ética. O Sempreviva é visto, em resumo, e como expresso na fala de A.L., produtora cultural, como: *Um lugar de apoio mútuo, irmandade, solidariedade e empoderamento entre mulheres empreendedoras de Samambaia.*

Por fim, e em síntese, é possível notar na consulta informal realizada pelo coletivo, uma articulação interdependente e recursiva entre as quatro principais vertentes destacadas na percepção das mulheres sobre o Sempreviva, novamente, a saber: o coletivo como espaço de troca de conhecimentos, como rede de apoio entre mulheres, como propulsor do empoderamento feminino e como construtor do sentido de sororidade.

### **Considerações finais**

A partir dos resultados apontados, é possível afirmar que a produção de conhecimento realizada a partir da dinâmica proposta pelo Sempreviva sustenta-se em uma rede aberta de troca de saberes que é retroalimentada pela união e o fortalecimento de potências femininas. Confirma-se, dessa forma, o coletivo como um espaço circular e dinâmico de formação e autoformação para a autoestima e autonomia de mulheres periféricas, aliado à construção e ampliação de competências voltadas ao empreendedorismo.

Pode-se afirmar que, em sua busca por gerar e sustentar um sentido feminino de empreendedorismo, o coletivo lançou mão do princípio de circularidade aberta e do método cartográfico, ambos parte de uma perspectiva rizomática de relacionamento entre partes de um todo em permanente devir.

Essa busca, no entanto, não se deu sem que vários obstáculos devessem ser contornados e sem que fosse necessário, por isso mesmo, pensar em um processo de formação e autoformação das mulheres participantes, inclusive das pesquisadoras e pesquisadores envolvidos. Houve resistências. Várias vezes foi necessário abrir espaços de

*Princípio de circularidade na educação não formal e na autoformação de mulheres* diálogo para que a circularidade fosse negociada enquanto método necessário para uma perspectiva feminina sobre o empreendedorismo. Nessa via dialogante, flexível e aberta, as forças da reprodução de esquemas prontos, baseados em modos hierárquicos e patriarcais de relações, tais como as relações de filiação e de poder, estruturalmente instaladas em nossa sociedade, foram vagarosamente rompidas e superadas.

Várias vezes também foi necessário que as pessoas que inicialmente assumiram papéis de liderança no coletivo se afastassem e cedessem lugar a outras pessoas para que estas não se acomodassem em suas tendências a permanecerem numa passividade assistida. A roda de conversa, o incentivo à passagem do bastão da fala e da atuação protagonista, a espera paciente, o deixar ir e a retomada constante dos espaços de diálogo, a alternância entre o ser (autoconhecimento) e o fazer (autorealização) foram algumas técnicas aprendidas e apreendidas no cotidiano do campo da pesquisa-ação.

### Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?*. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1993.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs*. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DURAN, Marília Claret Geraes. Formação e autoformação: uma discussão sobre memórias, histórias de vida e abordagem autobiográfica. *Revista @mbienteeducação*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 22-36, ago./dez. 2009.

ELLIOTT, John. *La investigación-acción en educación*. Madrid: Morata S.A. 1990.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GONÇALVES, Lídia Abdalla. Ações coletivas no espaço urbano: as articulações culturais da rede Norte Comum. In: *Anais do 41º Encontro Anual da Anpocs*, GT 34 - Urbanidades possíveis nos múltiplos usos da rua. **23 a 27 de outubro de 2017**, Caxambu, MG. s/p.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012, p.15-22.

MIGLIORIN, César - *Liv & Ingmar, Teia, Dizer o Indizível*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales, 2012.

MORIN, Edgar. *O Método I – a natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2003.



MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*. Vol. 1. Neurose. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense Universitária, 2007.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SEBRAE. *Relatório especial: empreendedorismo feminino no Brasil*. Março, 2019. Disponível em: <http://datasebrae.com.br/>

SAFFIOTI, Heleieth. Violência contra a mulher e violência doméstica. In: BRUSCHINI, Cristina & UNBEHAUM, Sandra G. (org.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora 34 Ltda. e Fundação Carlos Chagas, 2002, p.321-338.

THIOLLENT. Michel. *Metodologia da Pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1985.

WEFFORT, Francisco C. Educação e política (Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade). In: FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. pp. 01-26.

## Notas

---

<sup>i</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0604200305.htm>. Acessado em 17/08/2020.

<sup>ii</sup> Segundo dados do mesmo relatório, são considerados empreendedores iniciais aqueles que lideram empreendimentos com menos de 42 meses de existência.

<sup>iii</sup> A partir das reflexões de Deleuze e Guattari (1993), perceber o mundo em devir significa centrar-se mais na multiplicidade do que nos fins, mais em uma “ordem da aliança” entre oposições do que em termos fixos. As singularidades aqui são preservadas na medida em que entram em contato com as diferenças e não são apagadas, mas sim entendidas em um fluxo constante e heterogêneo.

<sup>iv</sup> Desde o início da pesquisa, os encontros do coletivo Sempre Viva aconteceram quinzenalmente, no Complexo Cultural Samambaia, parceiro do projeto e sob a gestão administrativa do Imaginário Cultural. Em março de 2020, e devido à Pandemia de COVID-19, o coletivo deu continuidade às suas atividades de forma remota.

<sup>v</sup> A consulta foi realizada em maio de 2020, por meio de questionário enviado via Google Forms às 35 participantes do Coletivo Sempre Viva, tendo-se obtido 12 respostas. Todas as respondentes (dentre artesãs, cineastas, estudantes e gestora de projetos) identificaram-se como sendo do sexo feminino, com idade entre 28 e 65 anos, residentes nas regiões de Samambaia, Arniqueira, Águas Claras e Taquari, no Distrito Federal.

## **Sobre os autores**

### **Florence Dravet**

Formada em Letras, tem mestrado e doutorado em Didactologia das línguas e culturas pela Université Sorbonne Nouvelle (Paris 3, França). Fez pós-doutorado na Universidade de Brasília em 2011 e atualmente desenvolve estudos pós-doutorais na Universidade de Algarve (Portugal) sobre a lógica do mito na cultura digital. É professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília. Coordena o grupo de pesquisa Travessia- Transdisciplinaridade e Criatividade. E-mail: [flormd@gmail.com](mailto:flormd@gmail.com)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3822-3627>

### **Clarissa Raquel Motter Dala Senta**

Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília, mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás, professora e pós-doutoranda na Universidade Católica de Brasília (UCB). Atua como pesquisadora em Comunicação Social, com ênfase nas seguintes áreas: comunicação, arte e cultura; inovação e economia criativa; cinema e audiovisualidades; análise e teoria da imagem; sensibilidades e circulação de afetos no audiovisual; estudos de gênero, envelhecimento e diversidade nas mídias.  
E-mail: [claris.motter@gmail.com](mailto:claris.motter@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5242-6922>

### **Alan Santos de Oliveira**

Doutorando em Comunicação e Sociedade pela Universidade de Brasília onde também cursou o Mestrado em 2006. Especialista em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (2014) e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (2006). Área de pesquisa: Comunicação: Educação; Culturas africanas e afrodiáspóricas; Circularidade. E-mail: [alansanoli@gmail.com](mailto:alansanoli@gmail.com)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8856-856X>

Recebido em: 18/01/2021

Aceito para publicação em: 12/03/2021